

Como nascem os filmes ou o cinema, e as histórias que os filmes contam

Maria Ignês Carlos Magno

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

Professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

E-mail: unsigster@gmail.com

Resumo: A Videografia deste número traz o filme *Bicho de sete cabeças* (2001), de Laís Bodansky e Luiz Bolognesi, o qual serve de pretexto para também avaliar os possíveis desdobramentos que o cinema permite para apreendermos como se dá o processo de criação de um filme.

Palavras-chave: *Bicho de sete cabeças*, Contador de Histórias, Franz Kafka, roteiro, cinema.

Abstract: This Videography deals with the motion picture *Brainstom* (2001), by Laís Bodansky and Luiz Bolognesi. The movie can also be used to evaluate the possible developments allowed by cinema, once they give us the chance to understand the process of creating a movie.

Keyowrds: *Brainstom*, Contador de Histórias, Franz Kafka, screenplay, cinema.

Nesta Videografia, selecionei o filme *Bicho de sete cabeças* (2001), de Laís Bodansky e Luiz Bolognesi, e possíveis desdobramentos que o cinema permite para apreendermos como se dá o processo de criação de um filme, que, ao transbordar “o plano exclusivamente estético, coloca problemas relativos ao homem e à sociedade”¹.

Segundo a sinopse, Neto é um jovem estudante de classe média baixa que cursa o Ensino Médio e leva uma vida comum como a maioria dos jovens de sua idade. Ele não suporta a presença do pai e o pai não se interessa pelo mundo do filho. A distância é intransponível, e a comunicação termina quando o pai encontra um cigarro de maconha no bolso do filho. O fato é a gota d’água que deflagra a tragédia na família, e Neto é enviado para um manicômio, onde ele conhece uma realidade absurda e desumana, em que os internos são devorados por um sistema corrupto e cruel.

1. SALLES, Francisco Luiz de Almeida. **Cinema e verdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 46.

FATOS REAIS

O filme *Bicho de sete cabeças* foi inspirado na história de Austregésilo Carrano Bueno e seu livro *O canto dos malditos*². Ele tinha dezessete anos de idade em 1974, quando foi internado pela primeira vez pelo pai para ser tratado do vício. Foi transferido de hospital para hospital no Paraná e no Rio de Janeiro. Sem nenhuma consulta ou avaliação médica, Austrý como era conhecido, ficou internado durante três anos. Nos manicômios sofreu eletrochoques e torturas. Ao deixar o sanatório aos 20 anos de idade, começa uma nova etapa de sua história, quando em março de 1990 publica pela primeira vez o livro: *O canto dos malditos*. Um mês depois de lançado, o livro é retirado das livrarias a pedido da família de um dos médicos citados na obra. Na luta pela liberação/libertação do livro, Austrý entra em contato com a Luta Antimanicomial em São Paulo e reedita o livro. Laís conta que, na ocasião, fazia parte de um grupo de pesquisa sobre a questão manicomial no Brasil e diz ter ficado muito impressionada com a dolorida e desesperada narrativa do autor e a força do relato. Daí o desejo de transformar o livro *O canto dos malditos* no filme *Bicho de sete cabeças* e de contar essa história para muita gente. Do livro ao filme, novas relações e novos processos de criação e produção social de sentidos.

DOS FATOS REAIS À FICÇÃO

Segundo Laís, o desafio do roteirista estava em trazer a história vivida por Carrano em 1974 para a realidade do adolescente urbano dos anos 2000. Aqui entra não só a pesquisa, que envolve a criação do argumento, mas a sensibilidade do roteirista. Luiz Bolognesi, roteirista do filme, sentia a necessidade de construir um segundo eixo narrativo, além do conflito entre indivíduo e instituição psiquiátrica. Para tanto, imaginou que Neto precisaria viver uma história de amor. Ao ler uma carta que o pai de Carrano escreveu depois que o filho sai das internações, ocorreu-lhe a ideia de que a história de amor poderia ser entre pai e filho, um tema que ninguém aborda, mas cala fundo na alma. “Resolvi, então, trazer para o primeiro foco narrativo o conflito entre pai e filho, tratando-o como uma história de amor (e ódio). Para criar a atmosfera deste relacionamento, inspirei-me em um outro livro: *Carta ao pai*, de Franz Kafka”³.

Ao juntar a tragédia pessoal de Neto/Austrý via Kafka, Luiz Bolognesi teceu seu roteiro com a mistura entre literaturas em diferentes tempos e nos apresentou a importância do processo de criação na cinematografia. Roteiros são feitos, sim, de palavras (são artefatos verbais), segundo Cecília Almeida Salles⁴.

QUANDO FICÇÃO E REALIDADE SE MISTURAM

Os caminhos que levaram Carrano e Laís a se encontrarem na vida revelaram, entre outras afinidades, a da luta contra o sistema manicomial no País. Ele lutava desde a década de 1980 pela aprovação de um projeto de Reforma

2. BUENO, Austregésilo Carrano. *O canto dos malditos*. São Paulo: Rocco, 2001.

3. BOLOGNESI, Luiz. *Bicho de sete cabeças*: roteiro do filme. São Paulo: Ed. 34, 2002. p. 13.

4. SALLES, Cecília Almeida. Da Guerra do Contestado à Guerra dos Pelados. In: BACK, Silvío. *A Guerra dos Pelados*: roteiro do filme. São Paulo: Anablume, 2008. p. 9.

psiquiátrica no Brasil, aprovada em 10 de abril de 2001 pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. O filme conquistou 57 prêmios, oito deles no exterior. Em 2003, o livro pôde voltar às livrarias. Austregésilo Carrano sobreviveu aos horrores do sistema psiquiátrico no Brasil, escreveu o livro-depoimento e fez dele uma arma na luta antimanicomial brasileiro; a outra arma foi o filme feito por mãos e olhos certos. Faleceu em 27 de maio de 2008 e foi homenageado pelo presidente da República Luis Inácio Lula da Silva pela sua luta na aprovação da Reforma psiquiátrica no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLOGNESI, Luiz. **Bicho de sete cabeças**: roteiro do filme. São Paulo: Ed. 34, 2002.

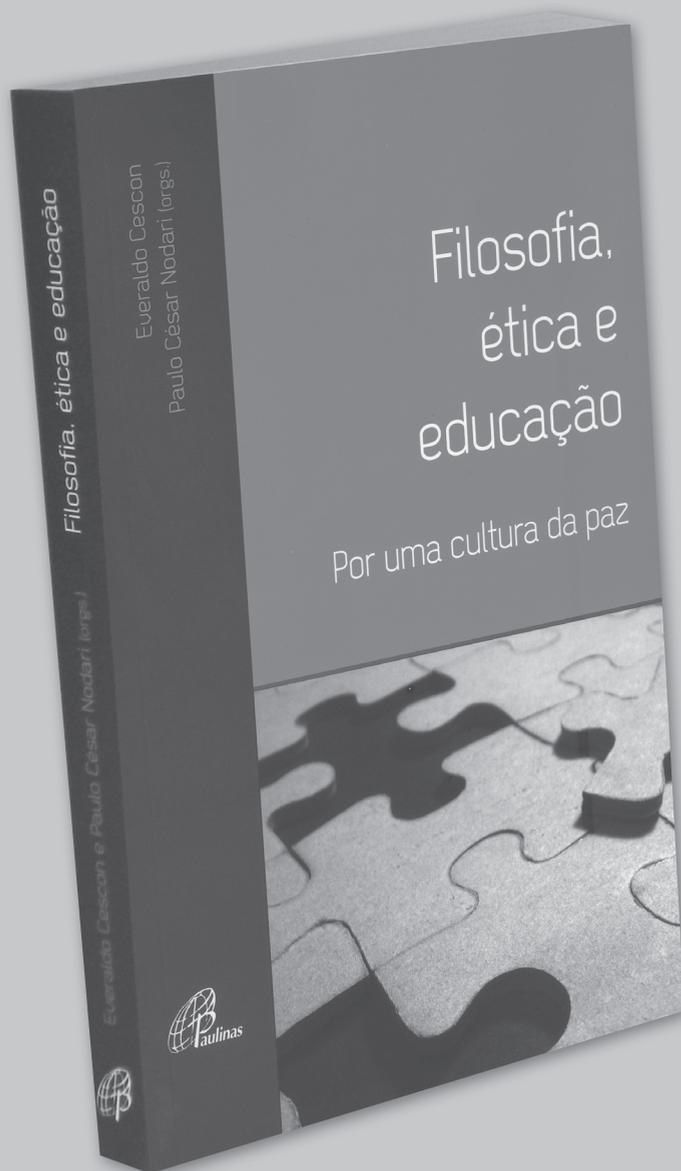
BUENO, Austregésilo Carrano. **O canto dos malditos**. São Paulo: Rocco, 2001.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SALLES, Cecília Almeida. Da Guerra do Contestado à Guerra dos Pelados. In: BACK, Silvio. **A Guerra dos Pelados**: roteiro do filme. São Paulo: Anablume, 2008.

SALLES, Francisco Luiz de Almeida. **Cinema e verdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Filosofia, ética e educação juntas por uma ciência da paz



456 págs. | Cód.: 518387
ISBN: 9788535627633

Paz não é simples slogan de passeatas nem apenas ausência de guerras. É fruto indissociável da justiça, da solidariedade e da educação responsável.

Não é possível aceitar explicações simples, seja de quem for, para a complexa e crescente violência em nossa sociedade. O fenômeno da violência merece urgente análise para uma tentativa de compreensão da natureza humana em sua totalidade. Trabalhar pela paz implica engajamento, esforço, sacrifício, e é necessário fazer dela um objeto de investigação e aprofundamento. É o que faz um grupo de especialistas diante desse compromisso urgente, inadiável.

Filosofia, ética e educação – Por uma cultura da Paz nasceu do intento de ampliar a repercussão do tema “Paz, justiça, direitos humanos e educação”, discutido em 2009 na revista *Conjectura: filosofia e educação*, da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Os professores e pesquisadores Paulo César Nodari e Everaldo Cescon reuniram a esses textos outros de autores igualmente renomados em suas áreas específicas de formação e atuação, vinculados a diferentes instituições de ensino superior do Brasil e do exterior e igualmente dispostos a contribuir com o debate, a reflexão e a investigação sobre a cultura da paz pelo ponto de vista da filosofia.



À venda na Rede Paulinas de Livrarias
Se preferir, ligue 0800 7010081 ou acesse www.paulinas.org.br/loja